



FACULDADE PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA AMAZÔNIA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA

THAYNNARA BARROS DOS SANTOS
WALQUÍRIA DA SILVA VAZ SOUSA

EXTRAIR FLOR DE PEDRA:

**Contribuições da intervenção psicológica no luto das famílias sobreviventes enlutadas
por suicídio**

PARAUPEBAS
2023

THAYNNARA BARROS DOS SANTOS
WALQUÍRIA DA SILVA VAZ SOUSA

EXTRAIR FLOR DE PEDRA:

**Contribuições da intervenção psicológica no luto das famílias sobreviventes enlutadas
por suicídio**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia (FADESA), como parte das exigências do Programa do curso de Psicologia para título de Bacharel.

Orientadora: Prof^ª Me. Daniela dos Santos Américo

PARAUAPEBAS

2023

SANTOS, THAYNNARA BARROS DOS; SOUSA, WALQUÍRIA DA SILVA VAZ

Extrair flor de pedra: contribuições da intervenção psicológica no luto das famílias sobreviventes enlutadas por suicídio. Orientadora: Prof^ª Me Daniela dos Santos Américo. 2023.

43 fl.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia – FADESA, Parauapebas – PA, 2023.

Intervenção psicológica, Luto, Sobreviventes, Posvenção.

Nota: A versão original deste trabalho de conclusão de curso encontra-se disponível no Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia – FADESA em Parauapebas – PA.

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial deste trabalho de conclusão, por processos fotocopiadoras e outros meios eletrônicos.

THAYNNARA BARROS DOS SANTOS
WALQUÍRIA DA SILVA VAZ SOUSA

EXTRAIR FLOR DE PEDRA:

**Contribuições da intervenção psicológica no luto das famílias sobreviventes enlutadas
por suicídio**

Walquíria S

thaynnara

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia (FADESA), como parte das exigências do Programa do curso de Psicologia para título de Bacharel.

Orientadora: Prof^ª Me. Daniela dos Santos Américo

Aprovado em: 26/06/2023.

Banca Examinadora

Daniela dos Santos Américo

Professora orientadora Mestre Daniela dos Santos Américo
FADESA

Dionis Soares de Souza

Professor avaliador Mestre Dionis Soares de Souza
FADESA

Milena Vieira e Sousa

Professora avaliadora Mestre Milena Vieira e Sousa
FADESA

Data de depósito do trabalho de conclusão 26/06/2023

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todas as famílias sobreviventes ao suicídio de um ente querido, almejo que de alguma forma essa pesquisa inspire e estimule novos estudos, ampliação de intervenções e pesquisas sobre essa temática.

AGRADECIMENTOS

Discente Walquíria da Silva Vaz Sousa;

O tão “temido” e “desafiador” trabalho de conclusão de curso... Ao refletir sobre todos os estereótipos relacionados ao TCC, só consigo pensar em como sou grata a Deus, sempre tão generoso comigo em todos os aspectos. Meu processo foi leve, o que não significa fácil, pois são sim, muitos desafios e exige uma dedicação constante. Contudo as pesquisas, leituras, ensaios e principalmente o apoio, orientação e paciência da nossa supervisora GIGANTE, fez com que essa jornada se tornasse de fato leve, especial, única, e apesar das dificuldades, repleta de momentos carregados de gargalhadas e muito aprendizado, experiências que levaremos para a vida. DANIELA AMÉRICO, que ser humano de luz, inspiradora, leve, empatia faz parte da sua essência, foi prazeroso e enriquecedor cada minuto que tivemos o privilégio de estar em sua companhia. GRATIDÃO...

Agradeço aos que me inspiraram a realizar esse trabalho, aqueles que posso chamar de MEUS, minha linda família, **MEU PAI E MEUS CINCO IRMÃOS**, sobreviventes ao suicídio da nossa linda e eterna mãezinha, que lá do céu nos inspira a sermos seres humanos melhores a cada dia, a olhar para o próximo com amor e empatia, a respeitar o outro acima de tudo. Muito obrigada família, por serem o meu esteio, por estarem sempre lá quando eu preciso.

Agradeço ao meu esposo, obrigada por tanto amor e dedicação, minhas duas filhas lindas, por serem minha fortaleza, meu colo, minha companhia diária, minha força. As minhas amigas, que hoje tenho orgulho de dizer que fazem parte da minha família, que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio, e todos aqueles que contribuíram, de alguma forma, para a realização deste trabalho.

Discente Thaynnara Barros dos Santos;

No desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso, tive a ajuda de inúmeras pessoas, dentre as quais agradeço, aos professores e orientadores que durante todo esse processo me acompanharam de forma precisa, fornecendo todo auxílio necessário com seus ensinamentos. Agradeço a minha doce e extraordinária orientadora de TCC que nos ajudou em todo o processo com muita paciência e dedicação e um cuidado humanizado para conosco sempre se preocupando com nossa saúde mental, e bem estar, serei eternamente grata professora Daniela Américo por ter sido incrível conosco do início ao fim. Agradeço a DEUS pela sua bondade e misericórdia sempre, a minha rede de apoio incrível, minha família, meus pais, e meus irmãos que me incentivaram a não desistir, ao meu filho amado João Pedro que sempre esteve ao meu

lado, meu companheiro, consolo e incentivo diário, a minha mãe que sempre esteve ao meu lado, orando e me incentivando: "EU ACREDITO EM VOCÊ".

Agradeço aos meus pastores que sempre oraram por mim e por esse lindo projeto de me tornar psicóloga. Agradeço minha irmã Fernanda Faria que a faculdade me agraciou sendo um suporte e uma luz nos dias sombrios, obrigada pelo apoio incondicional, por cada sorriso, pelos abraços reconfortantes, eu te amo muito, obrigado por existir, por nunca ter desistido de mim e de estar em minha vida. Minha parceira de TCC e minha irmã de outra mãe, juntas compartilhamos as mais lindas gargalhadas, as alegrias e tristezas, quero ter você bem pertinho até ficarmos velhinhas, muito obrigada por vocês duas existirem minhas irmãs.

RESUMO

A Organização Mundial de Saúde (OMS) divulga que cerca de 800 mil pessoas tiram a própria vida a cada ano. Número esse equivalente a uma morte a cada 40 segundos no mundo. Segundo Cândido (2011), o grande problema de saúde pública que o suicídio representa está relacionado aos impactos que cada morte traz à vida de parentes e pessoas próximas, sendo que, cada morte por suicídio gera efeitos duradouros e até permanentes, na vida de todos os indivíduos que faziam parte das relações do falecido. A morte por suicídio pode representar o evento que marcará, talvez para sempre, a vida de um grande número de pessoas, sendo assim, também é crescente o número de pessoas cujas vidas são abaladas a cada ano por estas mortes. O presente material abordou sobre as intervenções psicológicas no luto das famílias sobreviventes enlutadas por suicídio, evidenciando que o atendimento psicológico é de fundamental importância para a superação de traumas por parte das famílias sobreviventes enlutadas por suicídio, proporcionando melhorias na qualidade de vida dos enlutados e a prevenção de novos casos de suicídio. Ao abordar sobre o luto das famílias sobreviventes enlutadas por suicídio, recorreu-se a diversos autores que esclarecem sobre esse fenômeno, evidenciando uma melhor compreensão a respeito dos traumas causados nas famílias sobreviventes. O objetivo geral do presente trabalho é: fazer um levantamento das intervenções que podem ser trabalhadas com as famílias enlutadas por suicídio. Os objetivos específicos são: especificar as particularidades do luto das famílias sobreviventes enlutadas por suicídio, ponderar sobre as principais intervenções psicológicas no luto das famílias sobreviventes enlutadas por suicídio, apresentar as contribuições da atuação do psicólogo na posvenção e analisar a importância de novos estudos para criação de políticas públicas voltadas para o atendimento dos familiares enlutados por suicídio. A questão norteadora da pesquisa e da produção desse trabalho é compreender quais as contribuições da intervenção psicológica no luto das famílias sobreviventes enlutadas por suicídio? Assim sendo, ao discorrer sobre a importância de novos estudos de posvenção para criação de políticas públicas, verifica-se a escassez de estudos nessa área de atuação e a necessidade da adoção de políticas públicas voltadas para os enlutados por suicídio. Para concretizar o presente material, foram realizadas pesquisas bibliográficas que contribuíram e ampararam as ideias das autoras como Fukumitsu (2013, 2015, 2016, 2019, 2020), Kreuz (2020), Scavacini (2019), Kovács (2016), Ruckert, Frizz e Rigoli (2021), entre outros que, enriqueceram os conhecimentos e favoreceram a construção de novos saberes. Ao concluir, percebeu-se que o atendimento psicológico voltado ao sobrevivente enlutado por suicídio é de fundamental importância para a superação de traumas por parte dos mesmos.

Palavras-chave: Intervenção psicológica, Posvenção, Sobrevivente.

ABSTRACT

The World Health Organization (WHO) reports that around 800,000 people take their own lives each year. This number is equivalent to one death every 40 seconds in the world. According to Cândido (2011), the major public health problem that suicide represents is related to the impacts that each death brings to the lives of relatives and close people, and each death by suicide generates lasting and even permanent effects in the lives of all individuals who were part of the deceased's relationships. Death by suicide may represent the event that will mark, perhaps forever, the lives of a large number of people. This material addressed the psychological interventions in the mourning of suicide survivor families, showing that psychological care is of fundamental importance for overcoming traumas by suicide survivor families, providing improvements in the quality of life of the bereaved and the prevention of new ones. suicide cases. When addressing the grief of suicide survivor families, several authors were used to clarify this phenomenon, evidencing a better understanding of the traumas caused in suicide survivor families. The general objective of the present state was: to understand grief in order to survey the interventions that can be worked with bereaved families. The state of the art and contributions of the psychologist's role in the postvention of suicide elucidated possible actions and modes of professional interventions aimed at the suicide survivor. The specific objectives were: to specify the particularities of the grief of suicide survivor families, to consider the main psychological interventions in the grief of suicide survivor families, to present the contributions of the psychologist's role in postvention and to analyze the importance of new studies for the creation of public policies dedicated to assisting family members bereaved by suicide. The guiding question for the research and production of this work was how to understand the contributions of psychological intervention in the mourning of suicide survivor families? Therefore, when discussing the importance of new postvention studies for the creation of public policies, there is a lack of studies in this area of activity and the need to adopt public policies aimed at those bereaved by suicide. In order to materialize the present material, bibliographic research was carried out that contributed and supported the ideas of authors such as Fukumitsu, Kreuz; Scavacini et al.; Ruckert, Frizo and Rigoli, among others, who enriched knowledge and favored the construction of new knowledge. In conclusion, it was noticed that psychological care for suicide survivors is of fundamental importance for them to overcome trauma.

Keywords: Psychological intervention, Pósthvention, Survivors.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2. LUTO, SUICÍDIO E SUAS IMPLICAÇÕES.....	13
2.1 LUTO DAS FAMÍLIAS SOBREVIVENTES ENLUTADAS POR SUICÍDIO.....	13
2.2 INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS NO LUTO DAS FAMÍLIAS SOBREVIVENTES ENLUTADAS POR SUICÍDIO.....	15
2.3 CONTRIBUIÇÕES DA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NA POSVENÇÃO.....	19
2.4 A IMPORTÂNCIA DE NOVOS ESTUDOS VOLTADOS PARA POSVENÇÃO E CRIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS.....	26
3. METODOLOGIA.....	29
4. RESULTADO E DISCUSSÃO.....	32
5. CONCLUSÃO.....	36
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38

1- INTRODUÇÃO

Suicídio não é visto como uma forma “aceitável” de morrer... O tema suicídio, ainda se configura como um tabu carregado de estigmas, ainda que exista um aumento da comunicabilidade sobre o assunto, a mesma é sempre realizada de forma reservada, com cuidado, devido à crença de que falar sobre o tema pode desencadear ideias suicidas.

“Extrair flor de pedras” é uma metáfora criada por Fukumitsu (2015), para ilustrar que, “quem sofre pelo suicídio de um ente querido vive o caos, no qual se vê obrigado a lidar com uma nova configuração apesar de se sentirem demolidas e fragmentadas existencialmente” (FUKUMITSU, 2015, p. 213). Sendo o papel do psicólogo cuidar e intervir em um contexto de intenso sofrimento visando minimizar os impactos de uma morte violenta, transformar sofrimento em esperança para que o enlutado consiga amar além da dor.

O número de tentativas e mortes por suicídio aumenta a cada dia, a quantidade de pessoas afetadas chama atenção, evento esse que se dá entre todas as idades e classes sociais. Atualmente o tema é objeto de estudo em ambientes institucionais, políticas públicas, ciências e cultura.

Para a atuação segura do profissional da psicologia, pode-se considerar que é o campo científico que consente conclusões passíveis de verificações, através de um conjunto de características que permite obter-se conhecimento acerca da totalidade da vida humana do universo subjetivo ao se pautar “[...] na valorização da totalidade e da singularidade de cada sujeito” (CÂNDIDO, 2011, p. 88).

Nos diversos ambientes em que vivemos podem persistir dúvidas, sendo que para elucidá-las e ampliar os conhecimentos já adquiridos sobre a temática em questão, foi levantado o problema inicial que é compreender quais as contribuições da intervenção psicológica no luto das famílias sobreviventes enlutadas por suicídio e por se tratar de uma importante reflexão para o psicólogo, uma vez que esse profissional é um dos principais atores que lidam com a posvenção do enlutado.

O pensamento condutor deste trabalho se embasa nos ensinamentos de Karina Okajima Fukumitsu (2013, 2015, 2016, 2019, 2020) e Shneidman, pai da suicidologia moderna, que elencam sobre a escassez de programas de posvenção e carência de espaços de acolhimento ao sofrimento do enlutado por suicídio. Diante disso, surgiu a necessidade do estudo e da produção do presente material, que se baseou em pesquisas bibliográficas realizadas após traçados os alvos a serem alcançados, sendo o objetivo geral: fazer um levantamento das intervenções que podem ser trabalhadas com as famílias enlutadas, objetivos específicos: especificar as

particularidades do luto das famílias sobreviventes enlutadas por suicídio, ponderar sobre as principais intervenções psicológicas no luto das famílias sobreviventes enlutadas por suicídio, apresentar as contribuições da atuação do psicólogo na posvenção e analisar a importância de novos estudos para criação de políticas públicas voltadas para o atendimento dos familiares enlutados por suicídio.

Com essa perspectiva foram realizadas pesquisas que proporcionaram uma visão sobre a dor de famílias enlutadas por suicídio, gerando ao profissional, estudante de psicologia e demais áreas da saúde mental, subsídios para trabalhar essa demanda e diminuir o risco de tentativas de suicídio destas famílias, levando em consideração a necessidade de estudos, investimentos em posvenção e na capacitação desses profissionais.

As pesquisas se efetivaram por meio da revisão bibliográfica, onde se buscou encontrar estudos que comprovem a necessidade de investimentos por parte do governo. Existe uma carência de espaços de acolhimento e escuta, de profissionais capacitados, de oferta de informações sobre suicídio, o que evidencia a necessidade de que a posvenção seja tratada com mais atenção. Assim seria interessante motivar o desenvolvimento de políticas públicas que forneçam esses serviços de forma mais ampla, para que as famílias conheçam e saibam de fato que existe esse cuidado para com eles e onde encontrar esse cuidado.

Para uma maior compreensão acerca do luto das famílias sobreviventes enlutadas por suicídio e a posvenção, o presente referencial teórico discorre esses temas e outros correlatos, onde busca esclarecer sobre a importância das intervenções psicológicas aos sobreviventes enlutados por suicídio, ressalta as principais obras alusivas ao tema abordado e a importância de novos estudos de posvenção para a criação de políticas públicas voltadas às famílias sobreviventes enlutadas por suicídio.

Para isso, recorreu-se à metodologia de pesquisas bibliográficas, com seleção de material em artigos, revistas, livros, reportagens e trabalhos acadêmicos, seguidas de leitura, fichamento, registros e extração dos principais pontos a serem utilizados na construção desse trabalho.

Os resultados encontrados evidenciam que há necessidade de acompanhamento psicológico ao enlutado por suicídio e apontam que a posvenção no Brasil ainda se encontra em construção, o que se pode discutir sobre a diversidade de motivações e de reações das famílias sobreviventes enlutadas por suicídio o papel do psicólogo deve estar focado na posvenção, onde são realizadas ações voltadas para as dificuldades e limitações apresentadas pelo enlutado.

2. LUTO, SUICÍDIO E SUAS IMPLICAÇÕES

De acordo com Rezende, Moraes e Maia (2021), é necessário desconstruir os tabus e estigmas que durante tantos anos foram associados ao suicídio e conseqüentemente tornam o luto do sobrevivente mais doloroso, segundo esses autores essa desconstrução é atribuída aos profissionais de psicologia. Cabe ao profissional psicólogo, através de sua atuação, fazer essa propagação acerca do tema, levando de fato conhecimento para a sociedade em si, visando à desconstrução dessa cultura moralizante enraizada na sociedade, quando se trata do tema, fazendo com que sejam desmembrados das famílias todos os rótulos e estereótipos existentes hoje.

Para sanar os estereótipos e demonstrar que as contribuições do fazer psicológico não devem se restringir somente as famílias enlutadas, mas se ampliar para sociedade em si, a fim de desmistificar preconceitos e rótulos que estigmatizam os sobreviventes e dificulta o processo de ressignificação da sua perda. Seria interessante a existência de um espaço psicoeducativo voltado para combate ao tabu, através da veiculação de informações, abordagem a respeito do suicídio, indicando uma sugestão de comunicação que reduza os julgamentos – por exemplo, não chamar a pessoa que se matou de “suicida” nem utilizar o verbo “cometer”, pois o mesmo está relacionado com situações de crime ou pecado, a forma correta de falar é morte por suicídio. Com a realização de ações voltadas para o sobrevivente enlutado por suicídio, certamente ele se sentirá engajado e a vontade para expor experiências, dores e buscará ressignificar sua vida (FUKUMITSU, 2019).

Por todas as razões supracitadas e por se tratar de pesquisa bibliográfica foram selecionados autores que contribuíram para a concretização do presente material e ampararam as ideias nele contidas, de modo a apresentar a abordagem a seguir.

2.1 LUTO DAS FAMÍLIAS SOBREVIVENTES ENLUTADAS POR SUICÍDIO

Segundo Fukumitsu (2013), sobrevivente é o termo utilizado para nomear aqueles que sobreviveram ao suicídio, família, amigos, pessoas amadas e aqueles que foram atingidos pela perda, nesse caso, precisam de intervenção e um espaço de fala, suporte emocional, acolhimento do sofrimento, ambiente livre de julgamentos, para compartilhar seus sentimentos.

O suicídio é uma das mortes mais difíceis de elaborar, pela forte culpa que desperta. Ativa a sensação de abandono e impotência em quem fica. “O enlutado, além de lidar com a

sua própria culpa, é frequentemente alvo de suspeita da sociedade como sendo o responsável pela morte do outro” (KOVÁCS, 1992, apud MAGALHÃES et al. 2021, p. 9).

De acordo com a Associação Brasileira de Psiquiatria - ABP (2014) “suicídio é um ato deliberado e executado pelo próprio indivíduo, com objetivo de se matar de forma intencional e consciente, ainda que ambivalente, por um meio que ele acredita ser letal”. Batista e Santos (2014), apud Rocha e Lima (2019, p. 6), acreditam que o suicídio é praticado como uma forma de suprimir uma dor intolerável.

Segundo Botega (2015), o luto por suicídio é tido como um luto complicado, não somente pelo estigma e preconceito enraizado na sociedade, mas por toda a complexidade e demandas que essa temática traz, devido esses e outros aspectos, torna-se fundamental e imprescindível oferecer apoio e acolhimento para famílias sobreviventes em um local seguro e acolhedor, sem medo de julgamentos e preconceitos, onde os enlutados são livres para dividir suas experiências.

O luto por perda de um ente por suicídio pode causar depressão ao enlutado que “[...] é estabelecido pelo entrelaçamento das questões neurológicas e biológicas, a desesperança, o desamparo e o desespero pertencem ao âmbito psicológico e social” (FUKUMITSU, et al., 2013, p. 54), o que pode ser minimizado através do atendimento de um psicólogo, pois é de fundamental importância que esse profissional tenha compreensão sobre o acontecimento, que por se tratar de um tanto complexo e “[...] humano, que é o luto decorrente do suicídio, bem como refletir e construir práticas de intervenções que discorram acerca da especificidade da vivência e elaboração do luto dos familiares sobreviventes ao suicídio” (RAIMUNDO; NAVASCONI, 2021, p. 11).

O suicídio pode ser consequência de um ou diversos fatores que se apresentam como facetas que transcendem a compreensão dos sobreviventes e exige deles “um aprendizado profundo que sugere o despojamento, a aceitação dos limites, das contradições e rupturas inerentes à nossa própria condição” (CÂNDIDO, 2011, p. 11), causando desequilíbrio psicológico e desestrutura emocional para lidar com as demandas que surgem no dia a dia.

Tirar a própria vida pode provocar reações diversas nos sobreviventes diante do processo de perda e recuperação da rotina, dentre os desafios a serem enfrentados pelos enlutados, destacam-se a preocupação a respeito do julgamento que a sociedade pode manifestar a respeito de quem morreu e dos que estavam ao seu redor e sobreviveram, os questionamentos são muitas vezes motivos de aflição para a família enlutada, que ainda não compreenderem o porquê do desfecho; visto que em alguns países “o suicídio já foi e ainda é considerado crime, bem como pecado para algumas religiões” (LIMA, et al., 2018).

Não somente em caso de suicídio, luto, seja qual for o motivo, provoca um turbilhão de sentimentos, na maioria das vezes confusos que alteram o ritmo das ações daqueles diretamente envolvidos no processo, precipitando emoções e modificando as reações do enlutado. Quando a perda de um ente querido é abrupta, a tendência da resposta emocional das pessoas é ser dificultada. Mesmo assim Andrade e Ferreira (2021, p. 4), defendem que “[...] o luto é também uma experiência fortalecedora do ciclo vital e, como parte desse processo, necessita ser expressado e vivenciado, mesmo que nele haja sentimentos difíceis de lidar, como profunda tristeza, ansiedade e revolta”. Mesmo que o luto traga experiências que sirvam para que se tenha uma vida melhor, esse evento causa sofrimentos que podem perdurar por muito tempo, prejudicando os sobreviventes enlutados por suicídio e de certa forma seu convívio familiar e social.

O convívio familiar e social é prejudicado pelo sofrimento causado pelo luto por suicídio, uma vez que é algo difícil de uma pessoa gerir sozinha, pois se trata de uma situação “[...] inesperada e dolorosa e faz com que o processo de elaboração deste tipo de luto seja complexo e específico, além de desordenar o cotidiano daquele que permanece vivo” (JORGE, 2020, p.42), pode provocar mudanças na sua forma de pensar e agir, causando transtornos e consequências que podem ser transitórias ou duradouras.

Por tanto, o luto por suicídio pode provocar no enlutado a sensação da presença de quem se foi através de lembranças. Em geral, o luto envolve cinco fases que podem se manifestar simultaneamente ou consecutivamente, bem como sua duração depende de cada pessoa enlutada. Conforme Fagundes (2012, p.21), as fases são: “negação, raiva, barganha, depressão e aceitação”.

Já Fukumitsu (2019), esclarece que quando o enlutado tem a oportunidade e se disponibiliza a compartilhar seu processo de luto, ele revisa o que passou, resume e revisita o processo do luto e tem a possibilidade de modificar sua história buscando se curar.

Para que a dor dos sobreviventes seja tolerável, minimizada e superada, o psicólogo pode utilizar ações como formação de grupos de apoio que surgiu na América do Norte por volta da década de 70 e são umas das formas mais eficientes e comuns de promover as chamadas intervenções, contudo, existem outras formas de agir que podem ser adotadas pelo psicólogo para auxiliar o enlutado por suicídio a lidar com a perda, que são apresentadas a seguir.

2.2 INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS NO LUTO DAS FAMÍLIAS SOBREVIVENTES ENLUTADAS POR SUICÍDIO

Dentre as formas de agir adotadas pelo psicólogo, podem ser destacadas as intervenções psicológicas no caso do luto das famílias sobreviventes enlutadas por suicídio. Para tal intervenção, a psicologia possui instrumentos essenciais para que se obtenham informações mais precisas acerca da realidade enfrentada naquele momento e assim, os dados obtidos podem favorecer a intervenção profissional adequada e focada na busca de solucionar ou minimizar possíveis problemas enfrentados pelo grupo ou pessoa focado na análise inicial.

Relacionado à ocorrência de suicídio em 2019, a OMS declara que para cada suicídio é estimado que cerca de 100 pessoas sejam afetadas, e que as mesmas recebem pouco ou nenhum suporte. Considerando as particularidades que o luto por suicídio trás, o processo de intervenção torna-se imprescindível. Dados epidemiológicos datados de 2019, onde mais de 700 mil pessoas morreram por suicídio no mundo, comprovam que o suicídio requer atenção das políticas públicas. São inúmeros os casos em que enlutados por suicídio apresentam desestrutura familiar, ideação suicida, processo de depressão e aumento de doenças psicossomáticas.

Segundo dados da OMS (2006), para cada morte por suicídio, de cinco a dez pessoas do círculo de contato próximo da vítima sofrerão com o impacto da perda. Em países como os Estados Unidos, por exemplo, esse número representa uma população que pode chegar até 300.000 (trezentos mil) novos enlutados por suicídio ao ano. Pelo estigma associado ao suicídio, familiares, amigos, pessoas que têm um vínculo próximo, podem querer esconder as reais causas da morte, deixando de reportá-la como tentativa de suicídio (LUKAS, SEIDIN, 1997, apud CÂNDIDO, 2011, p. 12).

Como já mencionado anteriormente, a psicologia pode corroborar de forma significativa para identificar formas que minimizem o sofrimento, dentre elas a aceitação da perda por suicídio e assim contribuir para a melhoria na qualidade de vida dos sobreviventes.

Por outro lado, o suicídio atinge diversas pessoas em torno de quem foi vítima do suicídio e, de acordo com Ruckert, Frizzo e Rigoli (2021, p. 88) “são inúmeros os afetados por um suicídio: familiares, amigos, colegas de trabalho ou de escola, pacientes internados em uma enfermaria de psiquiatria”. Assim, o profissional que escolhe trabalhar com posvenção, deve construir um espaço de ideias que promova ressignificação, respeitando a individualidade do enlutado, para que o mesmo perceba uma vida após o suicídio, que podem superar tornando-se seres vivos novamente e não somente sobreviventes.

O psicólogo enquanto agente facilitador pode utilizar técnicas como: Aconselhamento psicológico, direcionar a uma nova visão de enfrentamento, grupos de apoio ao sobrevivente, palestras, psicoterapia, entre outras técnicas válidas, para que ocorra uma melhora na saúde física e mental do enlutado. É importante que o profissional se enquadre ao contexto do

sobrevivente, voltando-se para o desenvolvimento da saúde e do bem-estar (FUKUMITSU; KOVÁCS, 2016).

Os grupos de apoio são uma possibilidade, eles têm como objetivo acompanhar o sobrevivente enlutado, proporcionando a eles um local de escuta acolhedor, onde pessoas compartilham suas vivências, trocam experiências e encontram apoio emocional. Conforme Ruckert, Frizzo e Rigoli (2019, p. 87), “[...] o convívio social em um espaço de escuta, acolhimento e compartilhamento de informações resultam em um processo de luto mais eficaz, além de desencorajar o planejamento de suicídio”.

“O encontro de pessoas que sobreviveram ao suicídio de uma pessoa querida pode lhe dar a oportunidade de estar com alguém que realmente as entende, pois passaram pela mesma experiência e pode propiciar apoio e compreensão mútuos” (BERTOLOTE, 2012, apud MAGALHÃES, 2021, p. 6).

De acordo com o contexto em que o enlutado está inserido é possível realizar métodos voltados para possíveis intervenções de crises, atividades com o foco na valorização da vida, desenvolvimento psicoemocional, acolhimento no enfrentamento do luto, ter uma percepção quanto ao comportamento de vulnerabilidade, e se necessário um encaminhamento para outros profissionais (FUKUMITSU, 2019).

Pondera-se que, diante do isolamento social que sofre o sobrevivente, seja por tabu ou por estar à rede de apoio tão impactada quanto aquele que perdeu alguém próximo, espaço de cuidado psicológico pode vir a ser essencial. Não se trata, portanto, de buscar a melhor forma de resolver o luto, mas de acolher as especificidades de cada vivência e acompanhar, de maneira respeitosa e ativa, o movimento de questionamento e ressignificação da pessoa (BARBOSA; SILVA, 2018, p. 40).

O envolvimento dos enlutados por suicídio em grupos de apoio, favorece nele o desenvolvimento do sentimento de que pertence a um grupo e que pode ter esperança que irá superar o trauma do luto, tendo a chance de aprender meios para lidar com a perda, o que “[...] dá ao enlutado o campo certo para expressão de seus sentimentos sem julgamentos, propõem um ambiente empático de cuidado, um local firme e seguro onde se assegura a confiança e a tolerância sem julgo” (BERTOLOTE, 2012, apud MAGALHÃES, 2021, p. 10).

Nessa perspectiva, a Lei de nº 13.819 do dia 26 de abril de 2019, que institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, no artigo 3º a partir do inciso I tem como objetivo promover saúde mental, buscar controlar fatores determinantes e condicionantes do suicídio, abordando de forma adequada as famílias e as pessoas próximas da vítima de

suicídio, garantindo assistência psicossocial informando e sensibilizando a sociedade sobre o tema (BRASIL, 2019).

No caso de enlutados por suicídio, dentre as intervenções que o psicólogo deve optar no luto por suicídio, Lima et al. (2018, p. 19) destaca que esse profissional deve “[...] dar suporte emocional, buscar fortalecer os vínculos familiares e ajudar na reorganização do sujeito frente a esta nova realidade, de maneira empática, congruente e positivamente incondicional”.

Quando é percebido sinais de dificuldades de superação por parte do enlutado, ele deve ser encaminhado para a psicoterapia individual, para que possa enfrentar e superar “[...] pensamento intrusivo e persistente, ansiedade de separação, descrença prolongada, luto que perdura muito no tempo e causa disfunções na vida do indivíduo, prejudicando suas atividades (KREUZ; ANTONIASSI, 2020, p. 9)”.

No Brasil, “o Instituto Vita Alere em parceria com a Fundação Americana de Prevenção do Suicídio”, definiram o terceiro sábado do mês de novembro, para comemorar o Dia Internacional dos Sobreviventes Enlutados por Suicídio. Esse Instituto elaborou e divulgou a apostila denominada “Posvenção – Orientações e cuidados ao Luto por Suicídio”, assinada por Scavacini et al. (2020), que é voltada para os enlutados por suicídio, para quem quer ajudar, para profissionais da área, para a mídia e para outros interessados na temática.

A cartilha em questão contém informações, especificadas nos tópicos para quem perdeu alguém, para quem quer ajudar, para profissionais, para a mídia, para todos, sugestões de livros e filmes, direitos dos sobreviventes enlutados pelo suicídio e quem são eles.

Com relação ao atendimento voltado para o sobrevivente enlutado por suicídio, o Brasil conta com alguns locais e espaços onde funcionam grupos de apoio a esses cidadãos, que ofertam reuniões mensais para que os participantes possam debater e ter acompanhamento que os auxiliem no apoio emocional. De acordo com Ruckert, Frizzo e Rigoli, (2019, p. 87), os locais que ofertam esse tipo de atendimento são “[...] centro de Valorização da Vida (CVV) com Grupos de Apoio aos Sobreviventes com cedes [...] em São Paulo (SP), Porto Alegre (RS), Novo Hamburgo (RS), Curitiba (PR) e Cuiabá (MT)”.

Porém, no exterior, possuem alguns países que possuem programas voltados para o atendimento ao enlutado por suicídio, dentre eles pode ser citada a Austrália que oferta o programa que “busca melhorar a produtividade, a saúde mental e as habilidades sociais dos sobreviventes, por meio da conscientização sobre questões relevantes relacionadas ao luto, à perda, à gestão de crise, ao controle de trauma, etc” (RUCKER; FRIZZO; RIGOLI, 2019, p. 87), que pode servir de referência para o Brasil.

Com relação à regulamentação sobre a prestação de atendimento do psicólogo no Brasil, esse profissional pode contar com as orientações contidas na publicação do Conselho Regional de Psicologia do Distrito Federal, divulgada em 2013, denominada “O Suicídio e os Desafios para a psicologia, que chama a atenção para situação que retira “[...] a vida de milhões de pessoas em todo o mundo e que pode ser evitada, especialmente por meio de apoio psicológico para os que atentam contra a própria vida e para aqueles que vivenciam o luto da perda” (CRPDF, 2013, p. 7).

O material supracitado favorece uma maior compreensão em torno do processo de luto, das ações possíveis de serem executadas e dicas para o acompanhamento psicológico ao enlutado. Porém, no que se refere a leis que regulamentam o atendimento psicológico ao enlutado, existe apenas a lei nº 13.819, de 26 de abril de 2019, que institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, já mencionada anteriormente e que precisa ser implementada a nível nacional, para que as políticas públicas voltadas para a saúde mental sejam executadas em todos os locais de atendimentos públicos como o SUS e outros.

Por todas essas razões, para que ocorra uma maior conscientização a respeito do suicídio, do luto daqueles que sobreviveram e para que o enlutado supere a perda, é importante que o sobrevivente conte com o apoio profissional de um psicólogo e de uma equipe multidisciplinar capacitada, uma vez que o profissional da psicologia tem “[...] função delimitada de escuta, direcionamento, clarificação, acolhimento e psicoeducação” (KREUZ; ANTONIASSI, 2020, p. 6). Os profissionais que compõem essa equipe devem estar capacitados e preparados para, no caso do atendimento ao enlutado por suicídio, identificar, avaliar e tratar os indivíduos enlutados, buscando sanar suas necessidades de informação e acolhimento através da mediação.

2.3 CONTRIBUIÇÕES DA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NA POSVENÇÃO

O suicídio é um problema de saúde pública que não afeta somente aqueles que morreram por suicídio, mas todos os que possuíam um vínculo direto com a pessoa que morreu por suicídio. O sofrimento maior é dos familiares que ficam, uma vez que a estrutura desses familiares é desmontada. A morte do ente querido deixa marcas que permanecem ao longo do tempo (CFP, 2013 p. 61).

Apesar da grande necessidade dos cuidados de posvenção, essa prática ainda é pouco utilizada e reconhecida no Brasil. É necessário que os profissionais da área divulguem esse

serviço, sugerindo propostas de comunicação que reduza preconceitos, estimule e amplie intervenções, para que esse cuidado chegue até as famílias.

Embora as famílias sobreviventes nem sempre cheguem a um consenso a respeito da motivação do ato suicida, Fukumitsu aponta que são diversas as compreensões em torno do ato ou do intento do suicídio, dentre eles, podem ser destacadas “[...] desde um gesto de coragem a um gesto de covardia, desde um ato de sucesso a um ato de fracasso, desde um direito legítimo do ser humano a um ato criminoso contra si próprio” (FUKUMISTU, 2013, p. 5).

Sob essa perspectiva, buscando uma maior compreensão sobre o suicídio, Magalhães *et al.*, (2021, p. 3), acrescentam as contribuições de que o suicídio “é o ato de tirar a própria vida por não suportar tamanho sofrimento, e na maioria dos casos esse sofrimento decorre de um transtorno mental, associado aos sofrimentos e sentimentos, por isso é necessário que o sobrevivente ao suicídio receba atendimento psicológico”.

Fukumitsu (2018) argumenta que o profissional da psicologia só pode ajudar alguém se este quiser ser ajudado, afirmando que profere a frase “me ajudar a ajudá-los”, para seus clientes, a autora esclarece que mesmo com as limitações próprias do ser humano, o psicólogo pode ser educador do seu cliente, para que fique claro que o ser humano é limitado e precisa de ajuda para superar o luto.

Já as contribuições de Andrade e Ferreira (2021, p. 6) evidenciam que o sobrevivente enlutado por suicídio necessita, além do acompanhamento profissional, da união e apoio familiar, dos amigos e de outras pessoas que convivem com ele e assim assegurar maior eficácia ao tratamento.

Nessa direção, o desenvolvimento de recursos para o atendimento do sobrevivente enlutado por suicídio permite que novas possibilidades de intervenção psicológica sejam executadas, como defende Fukumitsu (2020, p. 34), que esclarece que a Gestalt-terapia, que é uma teoria de psicoterapia e vem sendo desenvolvida contemporaneamente por alguns autores, pode ser uma das ferramentas eficazes no atendimento aos sobreviventes enlutados por suicídio. Sob a ótica da perspectiva existencial onde o ser humano tem liberdade para fazer escolhas e se tornar responsável pela própria existência. Ao acessar essas informações, deduz-se que o psicólogo tem por tarefa, ajudar a pessoa enlutada a sair da situação sobre a qual não tem controle e passe a fazer escolhas que assegurem sua superação, através da posvenção.

A posvenção se trata da ação que envolve o enlutado em atividades que o convençam a sair do estado em que se encontra, melhore sua compreensão acerca da perda de quem tirou a própria vida e passe a enfrentar as adversidades que surgirem, para superar tal perda, de modo a evitar que esse luto leve outras pessoas a pensarem no suicídio, prevenindo novos atos

similares. Nessa direção, Magalhães *et al.*, (2021, p. 8), entende como posvenção “[...] as atividades que realizamos após o suicídio para acolher o sofrimento dos enlutados”.

Para que a posvenção seja realizada e surta efeitos terapêuticos, Dantas, Bredemeier e Amorim (2022, p. 5), defendem que o atendimento ao sobrevivente enlutado por suicídio precisa contar “[...] com serviços direcionados ao cuidado com os sobreviventes e fortalecimento de estratégias de formação para profissionais de saúde no atendimento aos enlutados”, as quais devem ser direcionadas pelo governo municipal, estadual e/ou federal.

No que se refere ao atendimento psicológico, dentre as atividades possíveis de serem desenvolvidas com os familiares sobreviventes ao suicídio, Jorge (2020, p. 44), afirma que são: “busca por suporte social (através de vínculos interpessoais), apoio religioso e focalização na emoção e no problema (esforços do enlutado para ressignificar sua relação com o evento e para controlar suas emoções mediante o mesmo)”.

Nessa perspectiva, as contribuições da atuação do psicólogo na posvenção, uma vez que esse profissional está capacitado e preparado para oferecer cuidados aos sobreviventes enlutados por suicídio, “[...] sejam eles familiares, amigos, colegas e todos aqueles que foram afetados direta ou indiretamente por uma morte por suicídio. É considerado uma ferramenta de cuidado com saúde mental indispensável nesses casos” (SCOPEL; CONTE, 2022, p. 4). Para lidar com pessoas enlutadas, o psicólogo precisa acessar e compreender o processo vivido pelos enlutados, promover o acolhimento e permitir a ponderação a respeito do valor da recuperação do sobrevivente, promovendo a extensão do cuidado a todos os envolvidos no processo de luto.

Nessa direção, o psicólogo pode realizar intervenções que contribuam para minimizar o sofrimento vivenciado e considerar que várias estratégias de enfrentamento do luto podem ser acessadas para que o enlutado supere essa fase, dentre elas pode-se destacar o acolhimento, a orientação e acompanhamento para evitar maiores transtornos e pensamentos suicidas, através de encaminhamentos a políticas sociais adequadas (BRASIL, 2013, p.26).

Sobre o suporte e assistência prestados aos sobreviventes enlutados por suicídio, Jorge (2020), destaca que no Brasil, existem políticas governamentais disponíveis que se destinam a auxiliar os sobreviventes enlutados no processo de recuperação do luto, elas podem ser acessadas onde são executadas políticas públicas voltadas para a saúde mental.

Para que o atendimento ao sobrevivente enlutado por suicídio interfira positivamente no processo de sofrimento, esse atendimento deve ser acompanhado por profissionais qualificados que conheçam e promovam suporte adequado individualizado ou em grupos dependendo da particularidade do atendimento, “[...] ofertando, em atitude acolhedora, suporte emocional,

evitando julgamentos ou críticas, a fim de promover um atendimento adequado e valorizar os fatores de proteção disponíveis ao indivíduo” (DANTAS, 2021, p. 3).

Nessa direção, para otimizar o atendimento ao sobrevivente enlutado por suicídio, o Governo do Estado do Piauí – GEP (2021, p. 20), publicou um material que é parte do Plano Estadual de Prevenção do Suicídio, onde informa os locais que prestam acolhimentos na posvenção do suicídio, uma vez que esses tipos de atendimentos servem de suportes que ofertam os devidos cuidados que forem imperativos ao momento de luto. “Eles podem acontecer em unidades de saúde, hospitais, Ong’s, instituições religiosas, instituições de ensino, espaços de convivência, projetos sociais comunitários e outros” (GEP, 2021, p. 20). Os locais de atendimento mencionados devem conter pelo menos uma equipe multidisciplinar que atuem e que conte com a participação do psicólogo, visto que esse profissional tem qualificação para lidar com demandas voltadas para o atendimento ao sobrevivente enlutado por suicídio.

Desta forma, para que o atendimento ao sobrevivente enlutado por suicídio seja bem sucedido, seria interessante que esse sobrevivente contasse com uma equipe multidisciplinar, conforme esclarece o Conselho Regional de Psicologia, “uma equipe matricial”, deve contar com “um suporte técnico especializado que é ofertado a uma equipe interdisciplinar de saúde a fim de ampliar seu campo de atuação e qualificar suas ações” (CRP - DF, 2020, p. 30), o órgão em questão estabelece que no atendimento ao enlutado, os profissionais envolvidos no processo de posvenção deve contar com o acompanhamento de outro profissional da saúde mental que possa ajudar a acompanhar a pessoa com base no projeto terapêutico voltado para ela e assim direcionar o atendimento individualizado e conforme as peculiaridades apresentadas pelo enlutado, de modo a assegurar a efetividade do atendimento desse profissional.

Assim sendo, juntamente com outros profissionais de equipes multidisciplinares, os psicólogos devem elaborar as ações de posvenção que podem ser executadas em favor dos sobreviventes enlutados por suicídio, de modo a evitar preventivamente outros fatos semelhantes, pois “[...] além de promoverem um espaço de cuidado aos enlutados, podem ter a função de promover o acesso à informação, auxiliar na construção de diálogos sobre o tema” (SCOPEL; CONTE, 2022, p. 4), e para isso, o psicólogo deve ter preparo psicológico, conhecimentos teóricos e práticos para lidar com a diversidade de sentimentos e reações de cada indivíduo atendido.

Para que isso seja possível, durante a formação profissional, o psicólogo deve reforçar sua capacidade para lidar com os sentimentos intensos de outros, e assim, ao se deparar com possíveis fatores de risco, se sentir preparado para lidar com eles e com outras situações que possam surgir durante o atendimento. Dentre as situações e fatores de risco verificados com

maior frequência no comportamento do suicida, Magalhães, et al. , (2021, p. 5) dividem em: “transtornos mentais, sociodemográficos, psicológicos e condições incapacitantes”, sendo que o sobrevivente pode ser enquadrado na primeira e na última condição.

Por outro lado, independentemente do motivo ou fator que levou o indivíduo a morte autoinduzida, a família enlutada necessita de acompanhamento de um profissional capacitado que a auxilie a compreender o luto como um processo, que embora seja doloroso, pode ser superado. Para atender o enlutado com segurança, o psicólogo pode acessar os Núcleos Ampliados de Saúde da família NASFS, para contribuir no processo de atendimento do enlutado, uma vez que “a Equipe de Saúde da Família pode e deve acompanhar e fornecer escuta qualificada para a família que vivenciou a perda, grupos de luto e de posvenção ao suicídio podem ser construídos pelas equipes” (CRP DF, 2020, p. 48), e assim assistir melhor o enlutado para que ele consiga compreender e enfrentar o luto.

Durante a assistência terapêutica prestada ao sobrevivente enlutado por suicídio, o psicólogo deve lançar mão de elementos que o apoiem no enfrentamento de emoções intensas manifestadas pelo enlutado, para isso, a OMS (2006, p. 10), orienta os profissionais que lidam com transtornos mentais que desenvolvam e demonstrem capacidades para “reconhecer e superar sentimentos de desamparo, de falta de esperança e de desespero, bem como desenvolver o autoconhecimento e construir uma identidade pessoal positiva também são elementos essenciais para o processo de aconselhamento de indivíduos suicidas ou de seus familiares enlutados.” (OMS, 2006).

Durante o processo de acompanhamento psicológico, o paciente tem oportunidade de perceber como gesticula, respira, emite sua voz, manifesta suas emoções e aviva os pensamentos aflitivos, com isso pode adquirir a consciências das dores, dos traumas e das condições psicológicas pelas quais está passando. Ao escutar e analisar o comportamento, as ações e as reações do paciente, o psicólogo pode ajudar o enlutado a se perceber e adquirir ou recuperar a consciência do momento vivido, através da promoção de ações que favoreçam o desenvolvimento de capacidades para se adaptar às necessidades surgidas naquele momento, e assim, encontrar um caminho que o ajude a superar o que não está bem (CERQUEIRA; LIMA, 2015, p. 9).

No atendimento citado, é importante que esse profissional tenha em mente que a esperança e a socialização fazem parte da superação do trauma e do luto por suicídio, que segundo Kreuz e Antoniassi (2020, p. 11):

Fatores terapêuticos como instilação de esperança, universalidade, compartilhamento de informações, altruísmo, recapitulação corretiva, desenvolvimento de técnicas de socialização, comportamento imitativo, aprendizagem interpessoal coesão grupal, catarse, fatores existenciais, podem ser base para as mudanças e servem para moldar a experiência do grupo, maximizando sua potência.

Assim sendo, dentre outros recursos que pode servir de consolo aos enlutados por suicídio, o apoio familiar e de amigos pode significar um diferencial na superação da perda.

Porém, o atendimento psicológico é indispensável para favorecer a superação do luto em sobreviventes enlutados por suicídio, durante a intervenção esse profissional pode lançar mão de instrumentos psicométricos que podem favorecer a compreensão do quadro em que se encontra o sobrevivente enlutado e assim realizar a intervenção, as características observáveis de acordo com Reis e Knapik (2021, p. 4) podem ser:

- a) traços de personalidade relacionados ao suicídio (JOBES; JACOBY; CIMBOLIC; HUSTEAD, 1997);
- b) níveis de ansiedade e depressão (PAETZOLD; SILVA; SIMÕES, 2021);
- c) atitude diante do suicídio (NADER, 2012);
- d) risco de suicídio (HARRIS; ET AL, 2015; PORTE; ET AL, 2020);
- e) avaliação de possível luto patológico relacionado a dados sociodemográficos (MARTINS, 2018).

Com a utilização das observações em questão, e a utilização da psicometria (teoria da medida), é possível realizar a pesquisa quantitativa que por sua vez permite o desenvolvimento de testes psicológicos que visam à avaliação psicológica, a criação e a adequação de ferramentas que possam mensurar acontecimentos. O profissional psicólogo pode utilizar instrumentos adequados a cada quadro detectado no sobrevivente por suicídio, e realizar a intervenção psicológica de forma mais efetiva.

Lembrando que, para que a atuação do psicólogo seja bem-sucedida, faz-se necessário, que ele tenha conhecimentos sobre o paciente e as pessoas que o rodeiam, para que, se necessário, possa formar uma rede de apoio próxima ao enlutado, onde os enlutados seriam recebidos e convidados “[...] a iniciarem um percurso gradativo, respeitando seu ritmo, tempo e possibilidades de ressignificação para a dor” (KREUZ; ANTONIASSI, 2020, p. 12), para tanto o psicólogo deverá se engajar no círculo de amigos e familiares de seus pacientes enlutados para promover o intercâmbio de informações e auxiliar na recuperação do indivíduo ou do grupo atendido.

Nessa direção, dentre as ações que podem surtir efeitos na prevenção e posvenção do suicídio podem e devem ser desenvolvidas por governantes, que através de políticas públicas bem elaboradas e voltadas para o público enlutado, desenvolver atividades como: “[...] informar

a comunidade, estudantes e profissionais, por meio de palestras, capacitações e participação na mídia local, sobre o processo de luto por suicídio foi uma tarefa traçada concomitantemente, e muito necessária” (KREUZ; ANTONIASSI, 2020, p. 10). Tais atividades favoreceriam espaços para que os participantes discutissem dúvidas, tivessem voz e vez, abertura para expressarem as dores sentidas e buscassem juntos, soluções possíveis para amenizar o luto. Nos locais de atendimento os enlutados seriam recebidos e orientados a percorrer o percurso do luto de acordo com o próprio ritmo, suas possibilidades e no tempo que achassem profícuo para manifestar a minimização do sofrimento.

Sob essa perspectiva, é preciso considerar que às famílias sobreviventes enlutadas por suicídio podem enfrentar um luto que dure pouco tempo ou duradouro, dependendo de cada pessoa envolvida no processo, podendo ser um luto que se manifesta para o resto da vida dessas pessoas, em especial em datas específicas, como afirma o Governo do Estado do Piauí (2021, p. 16) “que acredita que os sobreviventes enlutadas por suicídio podem reagir negativamente e intensifique o sofrimento nos feriados ou em aniversários e por isso precisam de mais atenção e compreensão, por serem datas que podem trazer lembranças que intensifiquem o sofrimento”, o que pressupõe um acompanhamento prolongado, onde o psicólogo deve ser “[...] empático, paciente e compassivo, acolher o luto, permitir que a pessoa relate a história quantas vezes precisar” (RUCKERT; FRIZZO; RIGOLI, 2019, p. 87) e agir de modo a ajudar o sobrevivente a viver o luto de forma consciente e consiga superar o sofrimento.

Por tanto, durante o atendimento ao sobrevivente por suicídio, o psicólogo deve se atentar para ao que auxilia seu paciente na posvenção, nessa direção Scavacini et al. (2020, p. 7), esclarecem o que ajuda:

1. Escutar atentamente e ser empático;
2. Acolher os sentimentos e as expressões de sofrimento, como o choro, raiva e culpa;
3. Respeitar o tempo do luto de cada um;
4. Deixar a pessoa contar a história quantas vezes for necessária;
5. Aceitar que cada pessoa demonstra o luto à sua maneira;
6. Estar presente e manter contato pessoal ou por telefone. Muitas vezes o sofrimento aumenta após o caos inicial diminuir, quando a pessoa se dá conta da realidade da perda;
7. Falar da pessoa que morreu;
8. Incluir as crianças no luto familiar;
9. Perguntar do que a pessoa precisa;
10. Proporcionar momentos de descontração e relaxamento.

Além disso, o psicólogo deve se apoiar em experiências bem-sucedidas no atendimento às famílias sobreviventes ao suicídio, como apontam Ruckert, Frizzo e Rigoli (2019, p. 87) que

afirmam que experiências bem-sucedidas na Nova Zelândia e que poderiam servir de exemplo a serem seguidos pelo psicólogo, uma vez que oferecem aos enlutados os seguintes serviços:

Assistência prática imediata; conselhos de autocuidado; informações sobre perda e tristeza; informações sobre requisitos policiais e legais; encaminhamento e ligação com outros serviços de aconselhamento, prestadores de cuidados de saúde primários e outros serviços apropriados.

Por outro lado, é importante ressaltar, somos cidadãos dotados de direitos e deveres, assim, sobreviventes enlutados por suicídio precisam ter seus direitos respeitados e assegurados, dentre eles, de acordo com Scavacini, et al., (2020), de se expressar e demonstrar sentimentos, de não ser julgado, de não se sentir pressionado a falar sobre o ocorrido, de não se sentir culpado pelo suicídio de seu ente, de buscar ter paz e serenidade, de escolher com quem se relaciona e ter ao seu lado quem o respeita e acolhe, de compartilhar suas memórias sem sentir tristeza, de decidir sobre o funeral e se deseja ou não participar dos ritos fúnebres, de ser respeitado em seu processo de luto e do tempo de luto, e por fim “se permitir construir uma nova maneira de ser e viver, sabendo que não é possível ser a mesma pessoa que era antes de experienciar esta perda” (SCAVACINI, et al., 2020, p. 25).

Sobre os direitos dos enlutados Fukumitsu e Kovács (2016, p.7), acrescentam que o enlutado é que pode fornecer pistas para que seu sofrimento seja acolhido e respeitado pelo tempo necessário, ou que durar o luto.

Para minimizar os efeitos causados pelo suicídio nas famílias sobreviventes, é imprescindível a criação de políticas públicas governamentais ou que fossem ampliadas e aprimoradas as que existem, com a finalidade de assim favorecer o sucesso da execução dos cuidados em posvenção, no entanto, faz-se necessário que os estudos a respeito dessa temática tenham continuidade e sejam ampliados.

2.4 A IMPORTÂNCIA DE NOVOS ESTUDOS VOLTADOS PARA POSVENÇÃO E CRIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS

Durante os estudos sobre as contribuições da intervenção psicológica no luto das famílias sobreviventes enlutados por suicídio, evidenciou-se que, os estudos já realizados são de suma importância para elucidar possíveis dúvidas a respeito da posvenção, uma vez que se trata de uma temática pouco abordada nos meios sociais, necessitando de maiores esclarecimentos para que possa ser executada com foco nos enlutados e assegurar resultados satisfatórios para os envolvidos no processo.

Considerando que não se pode atribuir uma inusitada causa ou campo de estudo, cabendo pesquisas nas diversas áreas correlatas e que abordem sobre a temática em questão, pode-se considerar que são necessários novos estudos que possam ampliar a compreensão acerca da temática e por isso, os futuros e profissionais da psicologia necessitam permanecer estudando, pesquisando e produzindo materiais a respeito da posvenção que possam contribuir para minimizar o luto por suicídio e prevenir a ocorrência de novos casos, uma vez que Ruckert, Frizzo e Rigoli (2019, p. 86) alertam que “o suicídio é um grave problema de saúde pública, e estudos de diferentes áreas o mostram como um fenômeno multifatorial e de difícil abordagem social, em decorrência da estigmatização dos sujeitos e familiares envolvidos”.

Por isso, quanto melhor preparado e dotado de conhecimentos o profissional estiver, maior facilidade terá para lidar com situações inerentes a área que atua, terá possibilidades e capacidades para desenvolver estratégias eficazes que contribuirá para o sucesso de seu trabalho.

Diante dessa possibilidade e no caso do atendimento junto às famílias sobreviventes enlutadas por suicídio, é preciso que o psicólogo tenha em mente que esse fato pode ser evitado através de estratégias voltadas para cada indivíduo ou grupo alvo, uma vez que,

O suicídio é sensível a estratégias de prevenção, especialmente quando se encontram ouvidos atentos, corações generosos, profissionais capacitados e qualificados em serviços de saúde, vínculos afetivos, decisão política e políticas públicas acolhedoras e inclusivas, dentre outras medidas (TAVARES, 2019, p.16, apud ANDRADE; FERREIRA, 2021, p.2).

Segundo Scavacini, Conejo e Cescon (2019, p. 205) “os estudos realizados até então sugerem que as reações psicológicas desse grupo são comparáveis às de pessoas que vivenciaram um estupro, passaram por uma guerra ou, ainda, foram vítimas de um crime violento”, daí a necessidade da compreensão clara e concisa do fenômeno e dos instrumentos adequados a cada situação de posvenção.

Novos estudos sobre a posvenção podem fornecer recursos norteadores da ação profissional e possibilitar elaboração e aplicação de instrumentos como cartilhas, panfletos, questionários de anamnese, dentre outros que favoreçam o atendimento ao sobrevivente enlutado por suicídio de forma mais eficaz.

Por outro lado, devido à importância da posvenção no atendimento das famílias sobreviventes enlutadas por suicídio, os estudos sobre a temática podem abrir caminho para o melhor atendimento ao público que necessita de acompanhamento psicológico e mental que os ajude a lidar com o luto.

Diante disso, percebe-se que as tecnologias digitais se constituem em ferramentas que estão sendo utilizadas para ofertar apoio interativo de acolhimento de pessoas com comportamento suicida, ou que se encontram enlutadas por suicídio.

Outra ferramenta que pode contribuir na execução de ações por parte do psicólogo, em favor de sobreviventes enlutados por suicídio pode ser baseada no livro “Recomendações e orientações em saúde mental e atenção psicossocial na COVID 19”, que considera uma série de ações, criadas em 2020, denominadas Saúde Mental e Apoio Psicossocial (SMAPS), uma vez que contempla ações fundamentais “[...] para interromper a transmissão, garantir o funcionamento dos serviços e prevenir as possíveis repercussões a médio e longo prazo, concernentes ao bem-estar da população e sua capacidade para lidar com as adversidades” (NOAL; PASSOS; FREITAS (Org’s), 2020. p. 55), onde apontam a realização de consultas por meios tecnológicos que podem e devem ser observadas por profissionais que lidam com a posvenção para favorecer a otimização dos resultados.

Sobre essa perspectiva Noal, Passos e Freitas (Org.) (2020, p. 56), apontam que “o atendimento ocorre via tecnologias de informação e comunicação (TIC) deve seguir o código de ética das categorias profissionais da psicologia”. Essa prestação de serviços está regulamentada pela Resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP nº 011/ 2018).

Como se pode notar, as tecnologias digitais podem aproximar o psicólogo do enlutado por suicídio, através de aplicativos de comunicação pessoal para informar ações a serem executadas e voltadas para o indivíduo ou a grupos que apresentem situações similares. Ações de prevenção ao suicídio podem ser publicadas nos diversos meios de comunicação e no meio digital, uma vez que esse assegura velocidade da divulgação de informações. Nessa direção Scopel e Conte (2021, p. 4) afirmam que:

As ações de posvenção podem ser consideradas preventivas para as gerações futuras, visto que, além de promoverem um espaço de cuidado aos enlutados, podem ter a função de promover o acesso à informação, auxiliar na construção de diálogos sobre o tema e, consequentemente, contribuir para a diminuição do tabu em relação ao suicídio.

Diante do exposto, pode-se afirmar que tanto a atuação do psicólogo, quanto novos estudos sobre a posvenção, são de fundamental importância para o desenvolvimento de futuras ações voltadas para o atendimento às famílias sobreviventes enlutadas por suicídio.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho se trata de uma revisão bibliográfica, que visa explorar, investigar e trazer o aprofundamento do tema e seus principais autores, o mesmo teve como objetivo desenvolver uma pesquisa descritiva, análise de dados coletados sobre as especificidades do luto do sobrevivente enlutado por suicídio e as principais contribuições da intervenção psicológica no luto das famílias sobreviventes.

[...] elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54, apud SILVEIRA, 2017, p. 10).

Para amparar as ideias contidas no presente material foram incluídos artigos, livros, trabalhos acadêmicos, revistas, sites de pesquisa como OMS, entrevistas, relatos de experiência e reportagens, que irão abordar e trazer dados relacionados ao tema, particularidades do luto das famílias sobreviventes enlutadas por suicídio, contribuições da atuação do psicólogo na posvenção e a importância de novos estudos de posvenção para criação de políticas públicas. Conta com material de pesquisa e publicações a partir de 2011 em que o idioma esteja em português. A revisão bibliográfica foi o meio utilizado para a coleta de dados. Foi realizada a leitura de artigos, revistas, livros, reportagens e trabalhos acadêmicos que abordem o tema. Após a seleção dos materiais foi realizada leitura, fichamento, registros e extração dos principais pontos a serem utilizados no trabalho, assim como as devidas referências.

Os dados coletados foram analisados a fim de responder à problemática e abordar o tema citado, foram realizados através de leituras, registros, fichamentos e extração dos principais pontos, de forma que, se alcance o objetivo principal, resolver a problemática da pesquisa e fazer um levantamento das intervenções que podem ser trabalhadas com as famílias enlutadas.

A pesquisa respeitou os preceitos éticos do código de ética profissional do psicólogo, resolução CFP N° 010/05, visa abordar, sobre as contribuições da intervenção psicológica no luto das famílias sobreviventes enlutadas por suicídio, respeitando o anonimato e a proteção de dados que pudessem vir a ser encontrados durante a revisão bibliográfica. Foram realizadas as devidas citações dos autores utilizados na pesquisa, assim como seguiu o padrão exigido pela

Associação Brasileira de Normas Técnicas que trata dos elementos e orientação na utilização de referências.

E ainda, considerando que a posvenção é um termo pouco utilizado para designar os cuidados dispensados às pessoas que perderam um ente por suicídio, que de acordo com Scavacini et al. (2020, p. 8), esse termo foi “[...] criado por Shneidman (1973), uma das principais referências nos estudos sobre suicídio, foi introduzido no Brasil a partir da dissertação de mestrado de Karen Scavacini em 2011 e refere-se aos cuidados voltados para os enlutados por suicídio”.

Mesmo a posvenção sendo reconhecida mundialmente como uma ferramenta importante no cuidado da saúde mental do sobrevivente enlutado por suicídio, Scavacini et al. ,(2020, p. 8), consideram que no Brasil esse termo e suas peculiaridades de ações ainda se encontram em construção e por tanto, seria interessante a existência de novas pesquisas e estudos relacionados a esse tema.

Para a continuidade dos estudos, diversos autores como Fukumitsu (2013, 2018), Cândido (2011), Ruckert, Frizzo e Rigoli (2019), Dantas, Bredemeier e Amorim (2022) dentre outros, sugerem a continuidade dos estudos a respeito da posvenção e contribuições psicológicas para o atendimento ao sobrevivente por suicídio, e também fornece uma visão clara e objetiva sobre o tema, contribuindo positivamente para este trabalho.

Os presentes autores foram pioneiros acerca dos estudos sobre o tema. Botega (2015) publicou inúmeros artigos e livros sobre suicídio e possíveis crises que são ocasionadas. Os mesmos relatam em seus estudos sobre o quão necessário é a conscientização da sociedade em relação aos cuidados de posvenção, a desmistificação de rótulos e estigmas que envolvem o suicídio e a necessidade de ampliação dos estudos e criação de políticas públicas que atendam esse público.

A continuidade dos estudos pode resultar em novas descobertas e de referenciais teóricos que influenciaria positivamente na prática do atendimento psicológico ao enlutado e propiciariam a elaboração de novos instrumentos para que os profissionais da saúde, em especial, o psicólogo, seja cada vez mais bem sucedido nas intervenções que executar, uma vez que cada indivíduo que necessita de atendimento manifesta o luto de forma única e por isso, contando com atendimento individualizado ou em grupos que apresentem características e necessidades de atenção similares, certamente a posvenção será focada em minimizar o sofrimento e apresentar resultados mais eficazes.

Por tanto, o preparo do psicólogo unido aos conhecimentos adquiridos é fundamental para que ele possa atuar junto às famílias sobreviventes enlutados por suicídio, conforme

Scavacini, Cornejo e Cescon (2019, p. 204), o ato de “falar a respeito dos sentidos históricos, culturais e sociais que atravessam o fenômeno também significa uma compreensão do processo de luto da morte autoinfligida”.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Na busca de uma maior compreensão sobre a temática é que o presente material abordou sobre as contribuições da intervenção psicológica no luto das famílias sobreviventes enlutadas por suicídio e desta forma, buscou solucionar o problema inicial que provocou curiosidade e o desejo de desvendar quais as contribuições da intervenção psicológica no luto das famílias sobreviventes enlutadas por suicídio.

A denominação “sobrevivente” se dá a pessoa que se encontra enlutada por uma morte autoinfligida de alguém próximo, se trata de um episódio que traz consequências dolorosas e de difícil assimilação por parte dos que sobreviveram ao luto “[...] resultado de uma complexa interação de fatores psicológicos e biológicos, inclusive genéticos, culturais e socioambientais, não podendo ser atribuído a uma única causa ou campo de atuação” (RUCKERT; FIZZO; RIGOLI, 2019, p. 86).

O termo em questão (posvenção), ainda é pouco utilizado para designar os cuidados, sejam eles individuais ou coletivos aos que estão vivenciando a perda, como afirmam Fukumitsu e Kovács (2016, p. 11), que a pósvenção “[...] precisa ser mais divulgada para que se possam criar serviços de cuidados às pessoas que vivem em tão profundo sofrimento ao perder pessoas queridas por suicídio”. Por isso, se fazem necessários novos estudos de posvenção para a criação de políticas públicas que atendam as famílias sobreviventes enlutadas por suicídio com maior eficácia.

Sobre essa perspectiva Ruckert, Fizzo e Rigoli (2019, p. 86), apontam “estudos de diferentes áreas o mostram como um fenômeno multifatorial e de difícil abordagem social, em decorrência da estigmatização dos sujeitos e familiares envolvidos”.

Também Ruckert, Fizzo e Rigoli (2019, p. 90), apontam que “[...] novos estudos podem contribuir para a criação de serviços de cuidados aos sobreviventes, bem como apoio aos profissionais que vivenciam a perda de um paciente”. Através de estudos é possível aprender, aperfeiçoar o que já é conhecido, refletir e produzir novos saberes que refletem na melhoria da qualidade do atendimento as famílias sobreviventes enlutadas por suicídio. Com uma maior conscientização a respeito da posvenção por parte da sociedade, podem surgir novas políticas públicas voltadas para esse público, uma vez que o atendimento as famílias enlutadas, ainda é tímido no nosso país sendo que o atendimento a esse grupo poderia ser ofertado pelo SUS através dos postos de saúde da família, postos de atendimento e Centros de Referência de Assistência Social.

Sobre essa perspectiva, as pesquisas bibliográficas realizadas apontaram que autores como Müller, Pereira e Zanon (2017), Teixeira (2021), Magalhães (2021), Andrade, Ferreira (2021), dentre outros demonstram em suas obras um consenso sobre a necessidade de acompanhamento do psicólogo na posvenção de enlutados por suicídio, pois diante do sofrimento resultante do suicídio, em geral o sobrevivente encontra dificuldades para processar o luto e superar a perda, necessitando de acompanhamento psicológico para lidar com o que está passando e possa reestabelecer seu padrão de vida, por isso, pode-se afirmar que o psicólogo tem conhecimentos e deve apresentar capacidades psicológicas e profissionais para lidar com os sentimentos do enlutado por suicídio visando minimizar a dor, a saudade, as angústias e o sofrimento causados pelo suicídio de um ente querido.

Durante o atendimento individualizado, o psicólogo tem a oportunidade de coletar informações acerca do sobrevivente enlutado por suicídio, esse profissional deve buscar momentos propícios para que o paciente perceba o sentido de tudo que o cerca, ou ainda, “esse profissional busca por situações ou ações que provoquem no paciente a percepção de que está vivo e que viver ainda faz sentido” (COSTA; BARBOSA; SILVA, 2018, p. 7). Outra possibilidade de intervenção psicológica é o incentivo à comunicação entre os familiares enlutados por suicídio, uma estratégia bem-sucedida, que pode corroborar para minimizar o sofrimento dos envolvidos.

Para realizar intervenções psicológicas junto às famílias sobreviventes enlutadas por suicídio, o psicólogo precisa ter por base os diversos referenciais teóricos já publicados, refletir sobre seu papel junto ao paciente enlutado, associar os conhecimentos que possui com a prática psicológica e estar preparado para “[...] lidar com a morte, a falar sobre o assunto sem temê-lo, aceitar a imprevisibilidade de se estar vivo e do ser e estar no mundo” (MAGALHÃES et al., 2021, p. 10).

Como o fato de lidar com a morte por suicídio, é de complexa assimilação pelo sobrevivente, uma vez que o ato de autodestruição é compreendido pelos estudiosos como algo inesperado e de difícil compreensão e aceitação por parte do enlutado, visto que na sua maioria apresentam “dificuldades para lidar com adversidades e frustrações, durante e depois da morte do ente querido” (FUKUMITSU; KOVÁCS, 2016, p. 9). Os estudos publicados até então apontam que nem sempre o sobrevivente enlutado por suicídio compreende o próprio sentimento e apresenta dificuldades para lidar com o luto, com isso o sobrevivente tem o imperativo de conferir sentido ao suicídio e apostar em justificativas que deem sentido a sua própria vida.

Assim sendo, por se tratar de algo inesperado, o luto das famílias sobreviventes enlutadas por suicídio é resultante principalmente do sofrimento que pode ser desencadeado de diversas causas, sendo que na maioria das vezes “[...] esse sofrimento decorre de um transtorno mental que pode ser trabalhado em terapia e proporcionar uma qualidade de vida melhor” (MAGALHÃES et al. 2021, p. 2). Diante da diversidade de motivações e de reações das famílias sobreviventes enlutadas por suicídio o papel do psicólogo deve estar focado na pós-venção, onde são realizadas ações voltadas para as dificuldades e limitações apresentadas pelo paciente.

Sobre essa perspectiva e para abordarem sobre sobreviventes enlutados por suicídio e as possibilidades para posvenção no contexto da saúde pública brasileira Dantas, Bredemeier e Amorim (2022), realizaram um ensaio teórico baseado na literatura da área, em documentos institucionais e marcos legais, onde produziram uma obra em que se destacam ações e intervenções de posvenção que podem ser disponibilizadas pelos locais de atenção e atendimento à saúde pública, caracterizadas por uma forma passiva, ou “[...] adotar o modelo que pretende ser uma extensão do serviço (ativo), para fornecer apoio e recursos o mais rápido possível, portanto, os profissionais procurariam os sobreviventes na comunidade (DANTAS; BREDEMEIER; AMORIM, 2022, p. 7), assim, uma equipe multidisciplinar poderia realizar e acompanhar o sobrevivente enlutado na posvenção mais de perto.

Nessa direção, Müller, Pereira e Zanon (2017, p. 5), defendem que “a atuação em rede é um ponto de extrema importância no que se refere à prevenção e promoção de saúde, para os usuários dos diversos serviços de assistência ofertados”, de modo que possa alcançar e minimizar fatores de risco em casos de luto por suicídio atendido.

Já Teixeira (2021), enfatiza sobre a importância das contribuições da atuação do psicólogo, que podem ocorrer de maneira interdisciplinar e multidisciplinar, juntamente com outros profissionais das áreas da saúde e da assistência social, focando no objetivo de facilitar o relacionamento do enlutado com a vida através de “[...] aconselhamento psicológico, palestras e eventos, atendimentos em psicoterapia individual ou em grupo, cursos relativos a novas formas de enfrentamento, grupos de luto aos sobreviventes, dentre outros” (TEIXEIRA, 2021, p. 22).

Com relação aos que decidem morrer, Fukumitsu (2014, p. 6), “[...] explica que estes já estão vivenciando uma morte existencial, onde não existe prazer algum em se estar vivo”, por isso, precisam de acompanhamento psicológico para que possam superar os problemas que o afligem e voltar a perceber o sentido da vida.

Dentre as funções do psicólogo, Silva e Teixeira (2021, p. 21), destacam “[...] a promoção da saúde, da qualidade de vida das coletividades e das pessoas, contribuindo para reduzir as formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão” e assim favorecendo a superação de possíveis problemas enfrentados pelas pessoas atendidas por esse profissional.

O atendimento psicológico contribuiria para a redução de fatores que provocam o suicídio e segundo Andrade e Ferreira (2021, p. 5), “[...] os programas de ação promoveriam conscientização sobre o suicídio, reduziria o preconceito, melhoraria a coleta de dados”. Para esses autores a realização de “[...] pesquisa acerca das intervenções que surtiram efeito positivo na população” (ANDRADE; FERREIRA, 2021, p. 5), visto que entre os papéis do psicólogo junto ao sobrevivente por suicídio é “fomentar reflexões sobre recursos e estratégias de reconciliação (tanto entre os familiares, quanto destes com o falecido) e de enfrentamento utilizados para o acolhimento do sofrimento no luto por suicídio” (MROZ, 2020, p. 40).

Para isso, fatores como “[...] políticas que reduzam os meios de se cometer suicídio, o uso abusivo de álcool e auxiliam práticas midiáticas a serem responsáveis com a forma de apresentar notícias com essa temática” são importantes para favorecerem a atuação do psicólogo e minimizar tanto o suicídio quanto pensamentos suicidas (ANDRADE; FERREIRA, 2021, p. 5).

Porém a atuação do psicólogo se encontra limitada, uma vez que Rosa e Silva-Roosli (2019, p. 2), afirmam que o atendimento psicológico se dá em clínicas particulares e em Organizações não governamentais (Ong’s), o que dificulta ao sobrevivente a procura por acompanhamento profissional do psicólogo.

5. CONCLUSÃO

Na revisão de literatura sobre as intervenções psicológicas no luto das famílias sobreviventes enlutadas por suicídio, foi possível analisar e refletir sobre o atendimento psicológico a esse público, de modo a concluir que tal ação é de fundamental importância para a superação de traumas por parte dos mesmos.

Ao abordar sobre o luto das famílias sobreviventes enlutadas por suicídio, evidenciou-se que diversos autores esclarecem sobre esse fenômeno, favorecendo uma melhor compreensão a respeito dos traumas causados aos sobreviventes enlutados por suicídio. Observou-se que é fundamental à intervenção psicológica, ações planejadas com objetivo de minimizar os impactos decorrentes do suicídio de uma pessoa amada, e que o luto como um processo, pode ser breve ou duradouro, por isso as intervenções devem se adequar à necessidade específica e subjetiva de cada enlutado.

Ao discorrer sobre as contribuições da atuação do psicólogo na posvenção, foi plausível elucidar sobre possíveis ações já realizadas em Ong's e esclarecer sobre modos de intervenções profissionais voltadas ao sobrevivente enlutado por suicídio.

Para ponderar sobre a importância de novos estudos de posvenção para criação de políticas públicas, verificou-se em teorias já existentes que permanece a necessidade do surgimento de novos estudos, bem como da adoção de políticas públicas voltadas para os enlutados por suicídio.

O presente trabalho teve como base metodológica pesquisas bibliográficas, autores como Fukumitsu (2019), Scavacini (2019), Kovács (2016), Muller, Pereira e Zanon (2017), Teixeira (2021), Magalhães (2021), Andrade e Ferreira (2021), dentre outros que contribuíram para enriquecer e amparar as ideias nele contidas.

Com isso, os resultados e discussão apresentam publicações recentes sobre temas relacionados à posvenção e intervenções psicológicas no luto dos sobreviventes enlutados por suicídio, de modo que esclarecem sobre a atuação do psicólogo junto a esse público.

Por fim, pode-se afirmar que as pesquisas, o estudo e a produção do presente material possibilitaram a reflexão e a consciência de que se fazem necessárias estratégias de posvenção mais eficazes, os estudos existentes são escassos, a quase inexistência de políticas públicas evidencia o quão urgente o tema precisa ser abordado, e novas políticas públicas elaboradas, tendo visto o aumento no número de suicídios e de famílias enlutadas em situação de risco de novos suicídios.

Diante do exposto, pode-se concluir que os objetivos propostos foram alcançados e acredita-se que o presente material pode servir de referência para profissionais da área da saúde e para pessoas interessadas na temática nele abordada.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, L. É.; FERREIRA, E. P. **As possibilidades de intervenção de profissionais de psicologia na prevenção e posvenção do suicídio.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano. 06, Ed. 11, Vol. 06, pp. 166-181. Novembro 2021.

Disponível em <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/possibilidades-de-intervencao>. Acesso em 11 Fev. 2023.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. **Suicídio: informando para prevenir, cartilha.** Brasília: Conselho Nacional de Medicina, 2014.

BRASIL. **Lei nº 13.819, de 26 de abril de 2019.** Institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, a ser implementada pela União, em cooperação com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios; e altera a Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/113819.htm. Acesso em 7 Fev. 2023.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Perguntas e Respostas: Serviço especializado em Abordagem Social.** SuAS e População em Situação de Rua. volume 4. Brasília, 2013

BOTEGA, N. J. 2015. **Comportamento suicida: epidemiologia.** Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil. VOLUME 25. NÚMERO 3. P. 231 – 236. 2014. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pusp/a/HBQQM7PGMRLfr76XRGVYnFp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 11 Fev. 2023.

CÂNDIDO, A. M. **O enlutamento por suicídio: elementos de compreensão na clínica da perda.** Universidade de Brasília. Instituto de Psicologia. Departamento de Psicologia clínica. Pós – Graduação em Psicologia clínica e cultura Brasília. 2011. Disponível em https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/10000/1/2011_ArturMamedCandido.pdf. Acesso em 6 Fev. 2023.

CERQUEIRA, Y. S.; LIMA, P. V. A. **Suicídio: a prática do psicólogo e os principais fatores de risco e de proteção.** Revista Igt na Rede, Campus de Rio das Ostras., p. 1-15, 13 nov. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/igt/v12n23/v12n23a10.pdf>. Acesso em 08 Fe. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Suicídio e os desafios para a psicologia.** Brasília: CFP, 2013. Disponível em <https://site.cfp.org.br/Suicidio-FINAL-revisao61>. Acesso em 5 Fev. 2023.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO DISTRITO FEDERAL. **Orientações para a atuação profissional frente a situações de suicídio e automutilação.** Organizado pela Comissão Especial de Psicologia na Saúde do CRP 01/DF --. Brasília: CRP, 2020. Disponível em http://conselho.saude.gov.br/images/CRPDF-Orientacoes_atuacao_profissional.pdf. Acesso em 6 Fev. 2023.

COSTA, R. A. M.; BARBOSA, T. L. L.; SILVA, C. K. A. **Comportamento suicida: o papel do psicólogo na posvenção ao suicídio**. III Cobracis. 2018.

DANTAS, M. C. M. **Família e suicídio: reflexões sobre sobreviventes enlutados**. Postado em 8 de fevereiro de 2021. Fala. Psico - Vittude Blog. Disponível em <https://blog.flowing.com.br/familia-e-suicidio-reflexoes-sobre-sobreviventes-enlutados/>. Acesso em 6 Fev. 2023.

DANTAS, E. S. O.; BREDEMEIER, J; AMORIM, K. P. C. **sobreviventes enlutados por suicídio e as possibilidades para posvenção no contexto da saúde pública brasileira**. Saúde Soc. São Paulo, v.31, n.3, e210496pt, 2022. Disponível em <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/KWRnLTx6h5QpHgshzVZWzy/?lang=pt>

FAGUNDES, F. **Luto no virtual: verificação da relação entre as fases do luto e a extinção operante a partir da vivência compartilhada em uma rede social virtual** / Fabiano Fagundes. – Palmas, 2012.

FEIJOO, A. M. L. C. **Situações de suicídio: atuação do Psicólogo junto a pais enlutados**. Artigo. Psicologia. estud. 2021.

FUKUMITSU, K. O.; KOVÁCS, M. J. **Especificidades sobre processo de luto frente ao suicídio**. Psico, Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 3-12, 2016. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-53712016000100002. Acesso em 4 Fev. 2023.

FUKUMITSU, K. O.; et al. **Posvenção: uma nova perspectiva para o suicídio**. Postvention: a new perspective for a suicide. Revista Brasileira de Psicologia, Salvador, Bahia, v. 02, n. 02, p. 01-15, 2015. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/322792019_Posvencao_uma_nova_perspectiva_para_o_suicidio_Postvention_a_new_perspective_for_a_suicide. Acesso em 5 Fev. 2023.

FUKUMITSU, K. O. **Sobreviventes enlutados por suicídio: cuidados e intervenções**. São Caetano do Sul: Summus Editorial, 101 p. 2019. Disponível em <https://www.scielo.br/j/csc/a/ZPBkx6xNHqFW7zLqkTBhNgb/?lang=pt>. Acesso em 5 Fev. 2023.

_____. **Suicídio e Gestalt-Terapia**. 2ª edição revisada. São Paulo. Digital Publish & Print. 2013. Disponível em https://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/s/u/suic_dio_e_gestalt.pdf. Acesso em 5 Fev. 2023.

_____. (Org.). **Vida, morte e luto, atualidades brasileiras**. Summus editorial. 2018. Disponível em <https://www.gruposummus.com.br/wp-content/uploads/primeiras-paginas/11101.pdf>. Acesso em 5 Fev. 2023.

GOVERNO DO ESTADO DO PIAÍ. **Posvenção do suicídio sobre viver um luto por suicídio**. Secretaria do Estado do Piauí. Gerência de Atenção a Saúde Mental. Superintendência de Atenção Primária em Saúde e Municípios. Diretoria de Vigilância e Atenção. Gerência de Atenção e Saúde Mental. Grupo Interinstitucional de Prevenção do

Suicídio – GTI. Teresina. Piauí. 2021. Disponível em http://www.saude.pi.gov.br/uploads/warning_document/file/810/Cartilha_de_Posvencao_do_Suicidio.pdf. Acesso em 6 Fev. 2023.

JORGE, D. C. **As implicações psicológicas e sociais do suicídio nos modos de subjetivação dos sobreviventes enlutados.** / Daiany Costa Jorge. – Fortaleza, 2020. Disponível em <https://docer.com.ar/doc/5c1sc00>. Acesso em 3 Fev. 2020.

KREUZ, G.; ANTONIASSI, R. P. N. **Grupo de apoio para sobreviventes do suicídio.** Psicologia em Estudo, Maringá-Pr. *Psicol. estud.*, v. 25, e 42427, 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pe/a/NxmPb6PdVV8svwSFNP8ryqB/?lang=pt>. Acesso em 8 Fev. 2023.

LIMA, C. *et al.* **A abordagem centrada na pessoa e o luto após o suicídio.** 2018. Disponível em <https://repositoriodigital.univag.com.br>. Acesso em 04 fev. 2023.

MAGALHÃES, É. F. P. **Comportamento suicida e o papel do Psicólogo na prevenção e pósvenção do suicídio.** Iniciação Científica da AES. 2021. Disponível em https://eventos.ajes.edu.br/iniciacao-cientifica-guaranta/uploads/arquivos/628bf3070d82a_Artigo-Erika-Tatiane-Michele-certo.pdf. Acesso em 9 Fev. 2023.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **10/6 – Dia Mundial da Prevenção do Suicídio.** Biblioteca Virtual em Saúde. 2013. Disponível em <https://bvsmms.saude.gov.br/10-9-dia-mundial-de-prevencao-do-suicidio/>. Acesso em 10 Fev. 2023.

MROZ, C. O. **“E aquele adeus, não pode dar”:** intervenção psicológica frente ao luto dos sobreviventes de um suicídio. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção do título de Bacharel, do Curso de Psicologia, da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP. Caçador. 2020. Disponível em https://acervo.uniarp.edu.br/?tcc_graduacao=e-aquele-adeus-nao-pude-dar-intervencao-psicologica-frente-ao-luto-dos-sobreviventes-de-um-suicidio. Acesso em 8 Fev. 2023.

MÜLLER, S. A.; PEREIRA, G.; ZANON, R. B. **Estratégias de prevenção e pósvenção do suicídio: Estudo com profissionais de um Centro de Atenção Psicossocial.** Rev. Psicol. IMED vol.9 no.2 Passo Fundo jul./dez. 2017. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-50272017000200002. Acesso em 9 Fev. 2023.

NOAL, D. S.; PASSOS, M. F. D.; FREITAS, C. M. **Recomendações e orientações em saúde mental e atenção psicossocial na COVID 19.** Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Escola de Governo Fiocruz Brasília – DF. 2020. Disponível em https://www.fiocruzbrasil.br/wp-content/uploads/2020/10/livro_saude_mental_covid19_Fiocruz.pdf. Acesso em 12 Fev. 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Prevenção do suicídio um recurso para conselheiros.** Departamento de Saúde Mental e de Abuso de Substâncias. Gestão de Perturbações Mentais e de Doenças do Sistema Nervoso. Genebra. 2006.

<https://www.saude.df.gov.br/documents/37101/183291/OMS-Manual-de-preven%C3%A7%C3%A3o-do-suic%C3%ADdio-para-conselheiros.pdf/809e493d-291f-f716-2a61-e7135ddb3b40?t=1648938692609#:~:text=%C3%89%20importante%20que%20os%20conselheiros,possibilidade%20de%20suic%C3%ADdios%20por%20cont%C3%A1gio>. Acesso em 6 Fev. 2023.

RAIMUNDO, T. A. M.; NAVASCONI, P. V. P. **Uma dor sem nome: reflexão sobre os enlutados por suicídio**. *Conversas em Psicologia*. v. 2, n° 1. Jan./Jul. 2021. Disponível em <https://revista.unifatecie.edu.br/index.php/conversas/article/view/84>. Acesso em 7 Fev. 2023.

REIS, A. V.; KNAPIK, J. **Psicoterapia e posvenção ao suicídio: Revisão bibliográfica de pesquisas**. *Research, Society and Development*, v. 10, n.8, e55810817602, 2021. Disponível em <https://rsdjournal.org/rsd/article/download>. Acesso em 7 Fev. 2023.

REZENDE, C. C. R.; MORAES, G. M.; MAIA, V. C. **Suicídio: O luto e a dor de quem fica**. Instituto de Ciências Humanas Curso de Psicologia, Belo Horizonte, p. 1-27, 2021. Disponível em <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/20550/1/Suic%C3%ADdio%20o%20luto%20e%20a%20dor%20de%20quem%20fica.pdf>. Acesso em 3 Fev. 2023.

ROCHA, P. G.; LIMA, D. M. A. **Suicídio: peculiaridades do luto das famílias sobreviventes e a atuação do Psicólogo**. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, vol.31, n.2, p. 323 – 344, mai-ago/2019. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652019000200007. Acesso em 8 Fev. 2023.

ROSA, N. B.; SILVA-ROOSLI, A. C. B. A. **Psicologia na atenção básica: possibilidades de intervenção na promoção e prevenção à saúde**. *Rev. Psicol. Saúde* vol.11 no.2 Campo Grande maio/ago. 2019. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2019000200008. Acesso em 8 Mar. 2023.

RUCKERT, M. L. T.; FRIZZO, R. P.; RIGOLI, M. M. **Suicídio: a importância de novos estudos de posvenção no Brasil**. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 85 - 91, julho-dezembro Semestral. 2019. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872019000200002. Acesso em 3 Fev. 2023.

SCAVACINI, K. **O suicídio é um problema de todos: a consciência a competência e o diálogo na prevenção do suicídio**. Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 01-742, 2018. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-26102018-155834/publico/scavacini_do.pdf. Acesso em 4 Fev. 2023.

SCAVACINI, K.; *et al.* **Posvenção: orientações para o cuidado ao luto por suicídio** [livro eletrônico] / [Karen Scavacini...[et al.]; ilustração Kamguru Design]. -- São Paulo: Instituto Vita Alere de Prevenção e Posvenção do Suicídio, 2020. Disponível em <https://vitaalere.com.br/wp-content/uploads/2020/08/Cartilha-Posvencao-e-Cuidado-ao-Luto-por-Suicidio-Vita-Alere.pdf>. Acesso em 7 Fev. 2023.

SILVA, L. A.; SANTOS, T. S. **O luto do sobrevivente: Contribuições da atuação do psicólogo com enlutados por suicídio.** Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel no curso de Psicologia do Centro Universitário UNA, sob a orientação do professor Túlio Louchard Picinini Teixeira. Belo Horizonte; 2021. Disponível em <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/14129>. Acesso em 8 Mar. 2023.

SILVEIRA, D. V. **Um estudo sobre a área de concentração dos trabalhos de conclusão de curso de Ciências Contábeis da Unicruz.** 2017. Disponível em <https://home.unicruz.edu.br/wp-content/uploads/2017/11/Daniela-Vaz-da-Silveira.pdf>. Acesso em 10 Fev. 2023.

SCOPEL, T. L. D.; CONTE, R. F. **Posvenção com pais enlutados: uma estratégia de cuidado no contexto do suicídio.** *PSI UNISC*, 6(1), 98-109. doi: 10.17058/psiunisc.v6i1.16445 2021. Disponível em <https://online.unisc.br/seer/index.php/psi/article/view/16445>. Acesso em 4 Fev. 2023.

SILVA, L. A. S.; TEIXEIRA, T. S. **O luto do sobrevivente: contribuições da atuação do psicólogo com enlutados por suicídio.** Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel no curso de Psicologia do Centro Universitário UNA, sob a orientação do professor Túlio Louchard Picinini Teixeira. Belo Horizonte. 2021. Disponível em <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/14129/9/TCC%20Let%C3%ADcia%20Aparecida%20Santos%20da%20Silva%20e%20Thales%20Teixeira.pdf>. Acesso em 10 Fev. 2023.

VEDANA, K. G. G. **Mídias sociais e suicídio.** *SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed.port.)* vol.14 no.4 Ribeirão Preto out./dez. 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762018000400001. Acesso em 8 Fev. 2023.

Página de assinaturas



Milena Sousa
782.675.873-49
Signatário



Dionis Souza
027.844.665-58
Signatário

Daniela S. Américo

Coordenação de Psicologia

Coordenação Psicologia
005.484.062-78
Signatário

HISTÓRICO

- | | | |
|-------------------------|---|--|
| 18 set 2023
11:47:56 |  | Thaynnara Barros dos Santos criou este documento. (E-mail: thaynnara9248@gmail.com) |
| 18 set 2023
12:59:18 |  | Milena Vieira Sousa (E-mail: milenavieirasousa@gmail.com, CPF: 782.675.873-49) visualizou este documento por meio do IP 200.124.94.212 localizado em Parauapebas - Para - Brazil |
| 18 set 2023
12:59:25 |  | Milena Vieira Sousa (E-mail: milenavieirasousa@gmail.com, CPF: 782.675.873-49) assinou este documento por meio do IP 200.124.94.212 localizado em Parauapebas - Para - Brazil |
| 18 set 2023
15:10:59 |  | Dionis Soares de Souza (E-mail: dio.ssoares@gmail.com, CPF: 027.844.665-58) visualizou este documento por meio do IP 170.231.133.239 localizado em Parauapebas - Para - Brazil |
| 18 set 2023
15:11:11 |  | Dionis Soares de Souza (E-mail: dio.ssoares@gmail.com, CPF: 027.844.665-58) assinou este documento por meio do IP 170.231.133.239 localizado em Parauapebas - Para - Brazil |
| 18 set 2023
21:22:23 |  | Coordenação de Psicologia (E-mail: psicologia@fadesa.edu.br, CPF: 005.484.062-78) visualizou este documento por meio do IP 170.239.200.157 localizado em Curionópolis - Para - Brazil |
| 18 set 2023
21:22:32 |  | Coordenação de Psicologia (E-mail: psicologia@fadesa.edu.br, CPF: 005.484.062-78) assinou este documento por meio do IP 170.239.200.157 localizado em Curionópolis - Para - Brazil |



Página de assinaturas

Walquíria S

Walquíria Sousa

011.419.481-50

Signatário

HISTÓRICO

- | | | |
|-------------------------|---|---|
| 29 nov 2023
21:45:40 |  | Walquíria da Silva Vaz Sousa criou este documento. (E-mail: walquiriavazsousa@gmail.com, CPF: 011.419.481-50) |
| 29 nov 2023
21:45:40 |  | Walquíria da Silva Vaz Sousa (E-mail: walquiriavazsousa@gmail.com, CPF: 011.419.481-50) visualizou este documento por meio do IP 177.54.229.33 localizado em Parauapebas - Para - Brazil |
| 29 nov 2023
21:46:00 |  | Walquíria da Silva Vaz Sousa (E-mail: walquiriavazsousa@gmail.com, CPF: 011.419.481-50) assinou este documento por meio do IP 177.54.229.33 localizado em Parauapebas - Para - Brazil |



Página de assinaturas

thaynnara

thaynnara santos

014.705.632-23

Signatário

HISTÓRICO

- 29 nov 2023**
22:15:29  **thaynnara barros dos santos** criou este documento. (E-mail: thaynnarapsique@gmail.com, CPF: 014.705.632-23)
- 29 nov 2023**
22:15:30  **thaynnara barros dos santos** (E-mail: thaynnarapsique@gmail.com, CPF: 014.705.632-23) visualizou este documento por meio do IP 45.7.26.130 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 29 nov 2023**
22:16:03  **thaynnara barros dos santos** (E-mail: thaynnarapsique@gmail.com, CPF: 014.705.632-23) assinou este documento por meio do IP 45.7.26.130 localizado em Parauapebas - Para - Brazil

